

MUSEU  
MÚLTIPLO

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE É AQUI

- Museu do Homem do Nordeste
- Fundação Joaquim Nabuco
- maria.pinheiro@fundaj.gov.br
- 81 3073 6332

# Museu do Homem do Nordeste

- Pensar e exercer a Museologia Social
- Estatuto de Museus (janeiro de 2009) – Museus como ferramenta de inclusão e coesão social.
- Museologia Social = Museologia do Sujeito

Nordeste Real  
(de homens de carne e osso)

X

Nordeste Ficcional (nordeste do consenso)  
região rural, terra de cangaceiros, beatos  
e retirantes.





- Objetos sem história = invólucros vazios.
- Tarefa do Museu – recuperar e reinstalar nos objetos as memórias dos homens reais dos quais eles procedem.

*“O objeto é a continuação do sujeito  
por outros meios”*

*Boaventura Santos*







- Viaja
- Desloca-se
- Identifica memórias subterrâneas, clandestinas.
- Instala-se em zonas de exclusão (em áreas que por muito tempo ficaram a margem das representações dos Museus: presídios, mercados públicos, portos, comunidades indígenas, colônia de pescadores, assentamento de sem terra).

- Percorre os 9 estados da região
- Atento à variedade.
- Conversa, ouve (comunicação simétrica entre comunidade e museu)

- Experiência VIVA do Outro
- Reativa o acervo
- Objetos restituídos à sua história,
- Experiência do presente.

- O Museu do Homem do Nordeste desloca seu discurso, seus objetos, suas representações através de fotos em banners e painéis.



## Nordeste Plural

O Nordeste hoje. Diversidade, contradições, sociabilidade, artes e manifestações culturais. Paisagens, economia, sociedade, etnias, ciências e tecnologia.



**São Mateus**  
Máscara polícrômada e dourada  
Pernambuco  
Século XIX

Imagem que representa o apóstolo São Mateus, cidade pela família do abolicionista e patrono da Fundação Joaquim Nabuco Barreto Nabuco de Araújo.

**Dona Joventina**  
Madrasta, tecido, cabelos naturais  
1910

A calunga Dona Joventina é uma entidade espiritual, reverenciada pelo Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife, fundada em 1906 por Cosme Damilã Tavares, nascido em Orlândia, na segunda metade do século XIX.

## Brasil: global e periférico

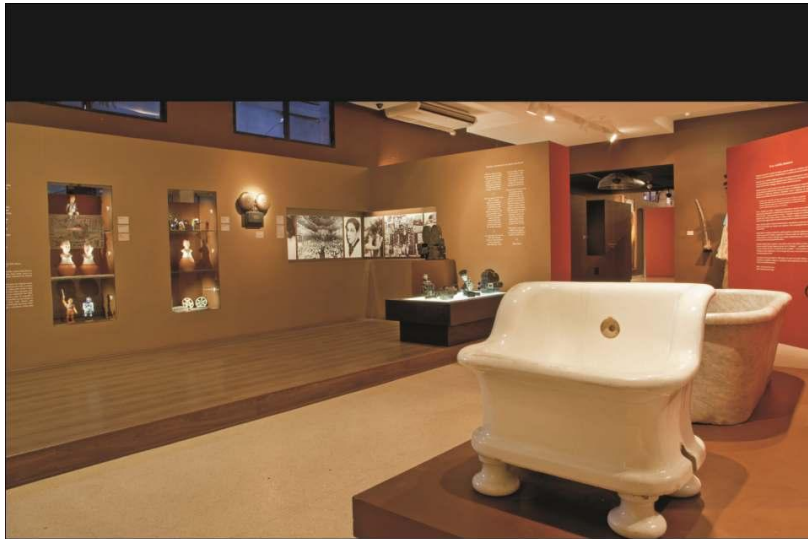
A luta pelo território. Ocupação por diferentes potências europeias. Influências culturais estrangeiras nos costumes e modos de vida. Capital estrangeiro, urbanização e expansão tecnológica.



**Medalhas holandesas**  
Prata, ouro e bronze  
Pernambuco  
de 1784 a 1829

**Tapeçaria Gobelin**  
Tela, lã, algodão, seda  
Lã  
Bélgica  
1959

Tapeço Gobelin da parte Neves Holas, com desenhos de Albert Elshout e Hans Jansz.



**Influência americana**  
Oitocentos e o "Ciclo do Recife", no período de 1810 a 1831.  
Acervo Carlos Fundaj

**Semicipio**  
Porcelana inglesa  
Século XIX

**Banheira**  
Alumina  
Século XIX  
Perteneciam à residência de Delmiro Gouveia, no bairro de Aguiar, Recife, Pernambuco.

## Terra e Trabalho

Açúcar: organização da economia e escravidão. A produção, o produto e o consumo. Escravidão e liberdade, de Palmares às terras quilombolas hoje. A vida privada e a arquitetura dos engenhos e dos sobrados urbanos patriarcais.



**Engenho do período colonial**  
Alumina, madeira  
Oleto e ferro  
Século XVIII

**Tacho para melação**  
Ferro e cobre  
Perteneciam ao Arquivo, Alagoas  
Escudadeira

Caveco para passar o melão

Nos jornais do século XIX, eram comuns os anúncios de fuga de escravos em que os fugitivos poderiam ser identificados por sinais de maus-tratos no corpo: "marcas de ferro quentes nos pés" "cicatrizes de chicotadas nas costas" "queimaduras no estômago e no peito"; "lanhos de relho no traseiro e no peito". De toda sorte da punição, lançavam mão muitos senhores a fim de extrair o máximo da capacidade produtiva do seu escravo. De preferência, os castigos e açoites eram feitos em público para incutir o medo e desencorajar aqueles que, informados com sua condição de vida, buscavam, através da fuga, das rebeliões, da indolência ou do suicídio, a sonhada liberdade.



**Retrato de Augusto Gomes Leal e sua ama de leite Mônica**  
 Indústria Gráfica  
 Coleção Fernando Rodrigues  
 Arquivo Caldeira/Fundação  
 Recife, Pernambuco

**Instrumentos de suplicios**  
 Ferro  
 século XIX

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimi o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimos nos aos poucos nos completar, é outro meio de procurar-se o "tempo perdido".  
 Gilberto Freyre, 1933



**Pelhas e alegorias para ornamentações de fachadas de engenhos e sobrados urbanos**  
 Pedra  
 século XIX

**Retratos de Odilon Hestor e Olga Rita de Ramos Ribeiro**  
 Indústria Gráfica  
 Coleção Fernando Rodrigues  
 Edição: Novembro 1994  
 Arquivo Caldeira, Fundação  
 Recife, Pernambuco

**Louças brasonadas (acervo do Museu Histórico do Recife)**  
 Cerâmica  
 século XVIII e XIX  
 Museu Histórico do Recife  
 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco  
 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco  
 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco

**Retratos de João Manoel Alves Portuall e Theresita da Silva Vieira**  
 Indústria Gráfica  
 Edição: Novembro 1994  
 Arquivo Caldeira, Fundação  
 Recife, Pernambuco

### Revoltas, revoluções e resistências

Conflitos e movimentos libertários no séc. XIX. A luta pelo fim da escravidão e o trabalho hoje. Resistências culturais: cantos, batuques e danças. As religiões de matriz africana, o sincretismo e a religiosidade popular.



**Caboclos de pena**  
 Bateria Museu Histórico  
 João de Deus, Recife, Pernambuco  
 2018

**Núcleo Batuques**  
 Caixa, madeira de pinho, alumínio,  
 madeira, couro, cordão, gravata de couro,  
 tecido vermelho de Alameda (PE), tecido  
 verde de São Paulo, tecido de algodão de  
 região do Nordeste.

**Fibras Batuques**  
 Partição do movimento  
 Negro, Recife, Pernambuco  
 de C.A. Lawrence (CE)



"Senhores, a propriedade não tem somente direitos, tem também deveres e o estado de pobreza entre nós, a indiferença com que todos olham para a condição do povo, não faz honra à propriedade, como não faz honra aos poderes do Estado. Eu [...] não separarei mais as duas questões - a da emancipação dos escravos e a democratização do solo. Uma é o complemento da outra. Acabar com a escravidão não nos basta; é preciso destruir a obra da escravidão."

Joaquim Nabuco  
 1884

**Trabalho infantil**  
 Museu Histórico do Recife  
 Recife, Pernambuco  
 1993

**Medalhas em homenagem a Joaquim Nabuco**  
 Bronze e ouro  
 de 1871 a 1944

**Lenço com retrato de Joaquim Nabuco**  
 Amarelo e Verde (Brasil)  
 J. E. Peralta (Brasil)  
 Companhia de Fiação  
 Recife, Pernambuco

**Reprodução do Escudo do Recife**  
 Zelandia, Grupo Escudo do Recife, Pernambuco  
 Museu Histórico do Recife





**Adereços do Maracatu**  
Nação Eféante  
Couro, capangas, canteiros, botões,  
onéis, bone, perne.

**Dona Santa**  
Luiz Cardoso Ayres  
Rafael Pernambuco  
Amaral Cabral, Fundação Joaquim Nabuco  
Outubro de 1982

**Esdres**  
Luiz Cardoso Ayres  
Rafael Pernambuco  
Amaral Cabral, Fundação Joaquim Nabuco  
Outubro de 1982

**Vestido de rainha**  
Indumentária usada por Dona Santa, Rainha do  
Maracatu Eféante.

**Festa de Nossa Senhora**  
do Rosário dos Pretos  
Marta Aguiar  
Paris  
Amaral Cabral, Fundação  
Joaquim Nabuco,  
1983

**Festa de Nossa Senhora**  
do Rosário dos Pretos  
Marta Aguiar  
Paris  
Amaral Cabral, Fundação  
Joaquim Nabuco,  
1983

**Festa de Nossa Senhora**  
do Rosário dos Pretos  
Marta Aguiar  
Paris  
Amaral Cabral, Fundação  
Joaquim Nabuco,  
1983



**Osinás**  
Osinás tipográfica de Nóbis Farias  
Melo do Rio Abito, Recife, Pernambuco  
2007

**Santos sincreticos**  
Zéuri Santos  
Comunidade do bairro de São José do  
Rio de Janeiro

**Aspetamentos dos Osinas**  
Clayton Oliveira Duarte

**Osinas**  
Osinás tipográfica de Nóbis Farias  
Melo do Rio Abito, Recife, Pernambuco  
2007

**Santos sincreticos**  
Zéuri Santos  
Comunidade do bairro de São José do  
Rio de Janeiro

**Aspetamentos dos Osinas**  
Clayton Oliveira Duarte



**Objetos da religiosidade**  
popular

**Lavagem do Bonfim**  
Geyson Magno  
Século XVIII  
1996-2005

**Festa de Nossa Senhora da Conceição**  
Amaral Cabral, Fundação  
Joaquim Nabuco,  
2006

**Romaria do Padre Cícero**  
Edson Queiroz  
Joaquim Nabuco, Ceará  
1999



## O Trabalho livre e assalariado

Expansão e interiorização através do gado. A ocupação pela força e expansão do Nordeste, rumo aos sertões.  
"A civilização do couro": Vaqueiros, aboios, poetas e cordelistas. A língua falada, escrita e cantada do povo.

**Máquina tipográfica Minerva**  
Percival Pereira de Aguiar e comitê  
Júlio Passos, Recife

**Retratos do ciclo do gado**  
Eduardo Lago  
Pernambuco  
1996-2000

**Indumentária do vaqueiro**  
Oliveira  
Santos, Pernambuco

**Bói malhado**  
Márcio Bezerra dos Santos  
Cedemilva Poltronieri  
Alfa de Bruna Correia,  
Pernambuco

**Foto: Emília dos Santos**  
Alfaro Silva Bezerra  
Projeto Gráfico: Anderson Melo

**“A contribuição milionária de todos os erros.”** *Oswald de Andrade*



**Açucareiro**  
*Ouro, rubis, brilhantes e safiras*  
*Birmânia*  
*Século XIX*

**“Dança a lúgubre corte ao som do açoite...”** *Castro Alves*



**Viramundo**  
*Instrumento de castigo, em ferro fundido, em que o escravo ficava preso pelos pés e pulsos, com o tronco flexionado sobre as pernas.*

"Isso é coisa do reinado da Lua..."  
Maurice Fontana - Inês Cabral, Vilas Boas, Pernambuco



Bol martejado  
Maurice Fontana  
Cerâmica Polissêmica  
Foto do Museu Casa de Cultura Pernambuco



Capão Cultural  
Cecília Moraes  
Foto do Museu Casa de Cultura Pernambuco



Toré  
Maurice Fontana - Inês Cabral  
Cerâmica Polissêmica  
Foto do Museu Casa de Cultura Pernambuco



Careta  
Personagem de carnaval dos grupos Treco  
Triunfo, Pernambuco  
2008



Caboclo de Lança  
Maracatu de Baque Salto ou Rural  
Nazari da Mata, Pernambuco  
Década de 1970



Cazumba  
Bumba meu Boi Piz do Brasil, Sociedade Junina  
Turma de São João Batista  
Zona Rural de São Luís, Maranhão  
2006

O caráter polímorfo e polissêmico da festa negra confundia os responsáveis por seu controle. Houve quem acreditasse que, por dramatizar a vida e fazer explodir energias físicas e emoções do espírito, ela pudesse eventualmente evoluir para rebeliões negras [...] Além disso, muitos a consideravam obstáculo à europeização dos costumes, um projeto abraçado por setores da elite engajados em "civilizar" a província, particularmente após a Independência, sob o Império. Qualificavam-na então de "bárbaro costume", que devia ser combatido até o extermínio, ou pelo menos segregado para evitar que contaminasse outros setores da população, inclusive os próprios brancos.

João José Reis  
Historiador UFBA, 2002



Nossa Senhora da Conceição  
Maurice Fontana  
Foto do Museu Casa de Cultura Pernambuco



A Missa  
Cerâmica Polissêmica  
Foto do Museu Casa de Cultura Pernambuco



Coração  
Maurice Fontana  
Foto do Museu do Homem do Nordeste  
Exercício de linguagem artística  
Exercício realizado em 1971 no Instituto Joaquim Nabuco de Políticas Sociais - INPES (atual UNPE) em Pernambuco, sob a orientação do professor Maurício Fontana. O Coração é uma obra de arte criada por Maurício Fontana em 1971, durante o curso de Artes Plásticas do Museu do Homem do Nordeste. O Coração do Museu do Homem do Nordeste.

As palavras "coração" e "arte" são usadas para designar a expressão cultural e tradicional. A expressão cultural e tradicional é a expressão da identidade e da memória coletiva de um povo. A expressão cultural e tradicional é a expressão da identidade e da memória coletiva de um povo.



Pankararés

*Baixa do Chico, Raso da Catarina, Bahia*

**Nós somos 220 povos. Culturas diferentes, línguas diferentes, vidas diferentes. A sociedade brasileira quer que nós sejamos tudo igual! Então a sociedade criou um tipo de índio: média altura, cabelo batendo no meio das costas, olhos bem rasgados, nem muito moreno, nem muito claro, meio avermelhado. Se não for assim, não é índio! É isso o que a Educação deveria contribuir com a gente: mostrar as diferenças. Nós não somos iguais... e não somos índios também! Índio foi o nome que deram pra gente! Do mesmo jeito que a Educação foi usada para nos oprimir, pode também ser usada para nos libertar.**

*Agnaldo Pataxó - BA*



### Ferramenta de Ogum

Ferro

*Ogum é o senhor do ferro, das armas, das lutas e da agricultura. Leva espada e é veloz em tudo o que faz. Domina as estradas juntamente com Exu, seu irmão. As cores são vermelho e verde, ocorrendo ainda o azul-marinho.*



### Ferramenta de Ossãe

Ferro

*Ossãe patrocina todas as folhas, atuando na medicina e nas obrigações religiosas como as feitura de iniciados. As cores votivas se concentram no verde e cor-de-rosa.*



### Ferramenta de Oxóssi

Ferro

*Oxóssi é o senhor das matas e dos caçadores. A cor ritual se concentra no verde e nas suas variações, aparecendo também o azul nos tecidos estampados. Dança como se estivesse caçando, desempenhando suas funções de prover alimentos, fartura e, conseqüentemente, vida.*

MUSEU  
MÚLTIPLO

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE É AQUI



Oxalá  
Sítio do Pai Adô, Recife, Pernambuco, 2007

Oxalá é o maior dos Orixás, o senhor do céu. É o mais velho e o mais sábio. Ele é o senhor do ferro, das armas, das lutas e da agricultura. Ele é o senhor das estradas. Ele é o senhor das estradas juntamente com Exu, seu irmão. Ele é o senhor das estradas juntamente com Exu, seu irmão. Ele é o senhor das estradas juntamente com Exu, seu irmão. Ele é o senhor das estradas juntamente com Exu, seu irmão.



Ferramenta de Ogum

Ferro

Ogum é o senhor do ferro, das armas, das lutas e da agricultura. Ele é o senhor das estradas. Ele é o senhor das estradas juntamente com Exu, seu irmão. Ele é o senhor das estradas juntamente com Exu, seu irmão.



Ferramenta de Ossãe

Ferro

Ossãe patrocina todas as folhas, atuando na medicina e nas obrigações religiosas como as feitura de iniciados. As cores votivas se concentram no verde e cor-de-rosa.



Ferramenta de Oxóssi

Ferro

Oxóssi é o senhor das matas e dos caçadores. A cor ritual se concentra no verde e nas suas variações, aparecendo também o azul nos tecidos estampados. Dança como se estivesse caçando, desempenhando suas funções de prover alimentos, fartura e, conseqüentemente, vida.

Mais de 570 mil brasileiros são devotos das religiões de matriz africana (Censo 2000). Brasileiros que, ao longo da nossa História, resistem e preservam as raízes dos seus ancestrais, donos de heranças milenares, que fizeram seus deuses atravessarem o Atlântico. Brasileiros que, no dia a dia, reativam os elos com o sagrado enquanto maneira de reativar memórias, trazer identidades e, assim, marcar territórios, resistir, resistir sempre. São esses momentos que expõem o sentido mais profundo de papel social, de lugar, de gênero e, principalmente, de conquista dos direitos culturais.

- Itabuna, sul da Bahia – limite geográfico da região nordeste.
- Terreiro de Candomblé – Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon.











- O Museu na comunidade instalada - ferramenta de propagação da sua cultura, como instrumento de conhecimento, de luta contra o preconceito.
- O terreiro - constrói um discurso a partir da realidade da sua vivência, sem nenhum tipo de intervenção da “sede”; e vai muito além, não diferenciam o “museu” do “terreiro”.

- “reanimar” os objetos: basta restituir-lhes sua história.
- Ao empreender sua itinerância o MUHNE assumiu consigo e com os seus representados esse compromisso: incorporar do acervo o significado de origem dos objetos, aqui entendidos ampla e sinceramente como prolongamentos de seus artífices e usuários. Homens reais.

E o que será a Museologia Social  
senão isso: - encarnar o Museu em  
gente de carne e osso?